

## A PERIFERIA (RE)EXISTE: AÇÕES MEDIADORAS DE IVO TAVARES PARA REPRESENTATIVIDADE E RESSIGNIFICAÇÃO IDENTITÁRIA<sup>1</sup>

### *THE OUTSKIRT (RE)EXIST: MEDIATING ACTIONS BY IVO TAVARES FOR REPRESENTIVITY AND IDENTITY RESIGNIFICATION*

Raquel do Rosário Santos<sup>2</sup>

Ana Cláudia Medeiros de Sousa<sup>3</sup>

**Resumo:** Os traços de memória que constituem a identidade dos sujeitos podem ser reconhecidos e evocados por meio dos dispositivos informacionais, dentre esses a fotografia, que neste estudo é considerada um referencial de memória. É reconhecido o papel social dos dispositivos e agentes mediadores que favorecem a formação do sujeito nos diversos contextos socioculturais, subsidiando uma leitura consciente que implica em uma postura transformadora de si e do seu coletivo. Diante desta reflexão, este texto teve como objetivo evidenciar na fotografia e na narrativa de Ivo Tavares vestígios da representatividade e da ressignificação da constituição identitária da periferia de Salvador que transparece práticas da mediação da leitura e mediação cultural realizadas por esse fotógrafo. Para tanto, a pesquisa se caracteriza como descritiva, em que foram adotadas as técnicas de aplicação de questionário junto ao fotógrafo, como também análise documental, sendo o objeto de investigação os registros fotográficos disponibilizados por Ivo Tavares em seu perfil no Instagram. Para análise dos dados foi adotada a abordagem qualitativa, a partir da literatura científica que versa sobre mediação cultural, mediação da leitura, representatividade e identidade. Os resultados apontaram que é necessário que os ambientes socioculturais e de informação sejam cada vez mais diversos e plurais, contemplando e representando as multipotencialidades dos sujeitos-leitores, favorecendo que esses possam expressar suas leituras de mundo e alcançar uma ressignificação em suas ações de interferência em seu lugar de pertencimento e em outros territórios. As fotografias produzidas por Ivo Tavares, podem ser reveladoras de cenários que foram por muito tempo não prestigiados, ao serem ‘camuflados’ por discursos intencionais de criação de barreiras sociais que impõem limites para que o compartilhamento de saberes e práticas socioculturais diversas ocorram. Conclui-se que a mediação da leitura e a mediação da cultura podem propor-se a desvendar lugares, revelar saberes e proporcionar encontros de vozes que precisam ter lugares, mais do que de fala, de escuta.

**Palavras-Chave:** Mediação cultural. Mediação da leitura. Ivo Tavares. Identidade-representatividade.

<sup>1</sup> Texto ampliado a partir do artigo submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no XXII ENANCIB.

<sup>2</sup> Doutora em Ciência da Informa (UFPB). Docente do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (ICI/UFBA). E-mail: [quelrosario@gmail.com](mailto:quelrosario@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1469-0765>.

<sup>3</sup> Doutora em Ciência da Informa (UFPB). Docente do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (ICI/UFBA). E-mail: [ana.violista@gmail.com](mailto:ana.violista@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5478-1813>.

**Abstract:** *The memory traces that constitute the subjects' identity can be recognized and evoked through informational devices, among them photography, which in this study is considered a memory reference. The social role of devices and mediating agents that favor the formation of the subject in different sociocultural contexts is recognized, subsidizing a conscious reading that implies a transforming attitude of oneself and one's collective. This research aimed to show in the photography and narrative of Ivo Tavares traces of representativeness and resignification of the identity constitution of the periphery of Salvador that transpires practices of reading and cultural mediation carried out by this photographer. In view of this, the research is characterized as descriptive, in which the techniques of questionnaire application with the photographer were adopted, as well as documentary analysis, with the object of investigation being the photographic records made available by Ivo Tavares on his Instagram profile. The data were analyzed, based on a qualitative approach, in the light of the scientific literature that deals with cultural mediation, reading mediation, representativeness and identity. As a result, it was found that it is necessary that sociocultural and information environments are increasingly diverse and plural, contemplating and representing the multipotentialities of subject-readers, favoring that they can express their readings of the world and achieve a resignification in their actions. of interference in their place of belonging and in other territories. The photographs produced by Ivo Tavares can reveal scenarios that were not prestigious for a long time, as they were 'camouflaged' by intentional discourses of creating social barriers that impose limits for the sharing of knowledge and diverse sociocultural practices to occur. It is concluded that the mediation of reading and the mediation of culture can propose to unveil places, reveal knowledge and provide meetings of voices that need to have places, more than speech, of listening.*

**Keywords:** *Cultural mediation. Reading mediation. Ivo Tavares. Identity-representativeness.*

## 1 INTRODUÇÃO

Durante a trajetória de vida do sujeito, esse se (re)constrói a partir das vivências, saberes e conhecimentos que adquire e se apropria na relação com os *outros* e contextos socioculturais que ele tem acesso. Os traços identitários de um povo refletem-se em suas práticas e no entendimento que o sujeito possui sobre si e sobre o meio. Quando um sujeito tem acesso a uma fotografia que está disponível em um determinado ambiente social, que é representativo para a sociedade, o processo de seleção evidencia o valor simbólico desse dispositivo. Em complementação, se nesse dispositivo possui vestígios de sua ancestralidade ou de sua região geográfica; revela traços de seu povo, enfim, aproxima o sujeito do seu coletivo, essa associação

é representativa para esse sujeito, pois a imagem pode evocar traços de sua memória e identidade, terreno propício para as atividades de mediação cultural.

Dessa maneira, a mediação cultural pode romper barreiras, diminuir caminhos, possibilitar que diferentes sujeitos possam interagir e favorecer a ressignificação de determinado dispositivo ou fenômeno, pelo fato da prática mediadora descortinar possibilidades de refletir sobre aspectos socioculturais e históricos que ainda não tinham sido problematizados. Assim, a mediação cultural e a mediação da leitura devem ser entendidas como ações inter-relacionadas e significativas no processo de interferência no desenvolvimento dos sujeitos para o autoconhecimento, apropriação e (re)construção de práticas que interferem sobre si, o outro e o seu contexto sociocultural.

Nesta perspectiva, esta pesquisa teve como objetivo evidenciar na fotografia e na narrativa de Ivo Tavares vestígios da representatividade e da ressignificação da constituição identitária da periferia de Salvador que transparece práticas da mediação da leitura e mediação cultural realizadas por esse fotógrafo. Vale destacar que o referido fotógrafo é soteropolitano e reside na periferia de Salvador, Bahia e tem apresentado uma postura protagonista e de representatividade ao evidenciar o cotidiano desse lugar e os aspectos socioculturais do povo que reside nesse território.

Quanto ao traçado metodológico, esta pesquisa se configura como descritiva ao buscar nas narrativas de Ivo Tavares vestígios de um processo de representatividade e ressignificação identitária. Para tanto, foram adotadas as técnicas de aplicação de questionário junto ao fotógrafo, como também análise documental, sendo o objeto de análise os registros fotográficos disponibilizados por Ivo Tavares em seu perfil no Instagram. Os dados foram analisados, com base na abordagem qualitativa, à luz da literatura científica que versa sobre mediação cultural, mediação da leitura, representatividade e identidade.

## 2 MEDIAÇÃO CULTURAL E DA MEDIAÇÃO DA LEITURA PARA RESSIGNIFICAÇÃO IDENTITÁRIA

Cultura pode ser entendida como conjunto de crenças, valores e costumes de um povo ou grupo social que se mantém próximos pela associação de determinados referenciais identitários. Segundo Silva e Santos Neto (2017), em seu sentido lato, a cultura pode ser compreendida como um conjunto de elementos que são apropriados pelo sujeito social, que são construídos a partir de características que os diferem, como também daqueles que os aproximam. A partir desse entendimento, pode-se destacar que o sujeito tanto se apropria de elementos culturais, os quais foram passíveis de acesso, quanto ele constrói novos bens e referenciais culturais. No processo de mediação cultural o sujeito deve ser reconhecido e apoiado para que seja possível se apropriar e agir em seu meio, em um processo constante de ressignificação.

Nesse processo, o mediador cultural pode favorecer que as vozes, que não são novas, mas foram historicamente invisibilizadas, possam alcançar ressonância, ampliando para além do contexto que foram produzidas, em um processo de alteração ou atribuição de sentido pelos que formam a sociedade. Ao tratar de vozes historicamente invisibilizadas, Ribeiro (2017, p. 40) afirma que “Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva”. Nesse sentido, o mediador cultural possui uma responsabilidade social de favorecer o processo dialógico, em que todos e todas possam ter a garantia de seu espaço de expressão, sentindo o conforto de apresentar e reconhecer no outro vestígios identitários que se aproximam, perceber as diferenças que os tornam sujeitos singulares, em um espaço cada vez mais plural,

em que a experiência de uma percepção de alteridade é fundamental para o exercício da crítica e do desenvolvimento de uma postura protagonista.

Ao refletir sobre a mediação cultural, Perrotti (2016, p. 13) a entende como uma ação que

[...] emerge na contemporaneidade como formulação teórica e metodológica inscrita, portanto, num quadro que reconhece os conflitos, ao mesmo tempo que a necessidade de estabelecimento de elos que viabilizem diálogos necessários à geração de ordens culturais mais democráticas e plurais.

Com base no autor, pode-se entender que a mediação cultural tem por objetivo favorecer o reconhecimento da pluralidade cultural existente nos diversos territórios que os sujeitos integram e que apresentam suas diferenças e semelhanças, aproximando-se na identificação de sua memória individual e coletiva e nos referenciais que constituem sua identidade.

Nesse sentido, Santos e Sousa (2020) defendem que a mediação cultural deve ser realizada de maneira consciente, fortalecendo e empoderando os diversos grupos sociais. Para tanto, o agente mediador cultural deve identificar e refletir sobre a diversidade de bens e práticas culturais que integram determinado meio, ampliando o repertório de informações que proporcione a percepção da relevância da alteridade pelo *outro*. Assim, a mediação cultural consciente requer um processo de leitura de si, do outro e do meio, para que os sujeitos possam refletir e construir argumentos que possibilitem sua exposição crítica ao utilizar os espaços de interação, do compartilhamento e da problematização, de modo a considerar sua leitura do mundo, com base em suas experiências e em respeito a diversidade presente no contexto sociocultural.

Considerando o ato de ler como basilar nas relações dialógicas e de disputa que se estabelecem nos ambientes socioculturais, considera-se o conceito defendido por Martins (1988, p. 30), para quem essa ação é “[...] um processo de compreensão de

expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem”. Dessa maneira, entende-se que a leitura é realizada a partir do acesso tanto de textos verbais quanto não verbais, pode-se ler uma carta, uma fotografia, um gesto, uma vez que é através do ato de ler que o sujeito atribui sentido aos diversos fenômenos que se apresentam em seu cotidiano, portanto, subsidia sua interação com o mundo.

Dentre os dispositivos citados destaca-se a fotografia, que cristaliza um instante, revelando os vestígios do contexto em que foi produzida. Kossoy (2007, p. 131) entende a fotografia como “[...] memória enquanto registro da aparência dos cenários, personagens, objetos, fatos; documentando vivos ou mortos, é sempre memória daquele preciso tema, num dado instante de sua existência/ocorrência”. A fotografia é um dispositivo que informa sobre algo ou alguém, revelando traços para além das atitudes imediatas, pois permite ampliar aspectos que inicialmente não foram intencionais, de forma a transparecer elementos representativos de seus produtores e proporcionar que o espectador/leitor possa, em alguns casos, se (re)conhecer nesse documento que terá vestígios de memórias e identidade que os conectam.

Le Goff (2013, p. 497) entende o documento como “[...] é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, ensinamento [...] que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente”. Além das narrativas orais que possibilitam o compartilhamento de saberes, o documento favorece que para além do tempo esse conhecimento seja disseminado em espaços diversos, registrando elementos informacionais do produtor, como as marcas presentes no documento - por exemplo, o tipo de papel, grafia, carimbos, marcas d’água - enfim, traços característicos do tempo histórico e do lugar geográfico que o produziu. Assim, o documento registra informações que podem revelar indícios que vão além da



função que gerou sua produção, quando transparece, em alguns casos, traços intencionais de seus produtores.

Ainda tratando do conceito de documento, Dodebei (1997, p. 174) o define como “[...] uma representação, um signo, isto é, uma abstração temporária e circunstancial do objeto natural ou acidental, constituído de essência (forma ou forma/conteúdo intelectual), selecionado do universo social para testemunhar uma ação cultural”. A partir dessa concepção apresentada pela autora, reitera-se o entendimento de que alguns documentos são selecionados como representativos de indivíduos e grupos sociais, em vista disso, pode-se inferir que de maneira majoritária essa ‘seleção’ tem sido determinada por grupos dominantes que regem as políticas de acesso e preservação dos patrimônios documentais produzido pela humanidade. Diante disso, faz-se necessário romper estruturas que silenciam grupos que estiveram e/ou estão à margem do acesso aos dispositivos culturais, em que muitas vezes, são também produtores de artefatos que carregam valores representativos de seu povo e que precisam ser disseminados, a exemplo do trabalho fotográfico de Ivo Tavares, que revela aspectos da periferia da cidade de Salvador (BA).

A produção de sentido atribuída pelos sujeitos aos dispositivos socioculturais é dependente da vivência do sujeito no seu estar no mundo, da relação com o coletivo e da constituição de sua memória. Um mesmo dispositivo pode ser interpretado por diferentes perspectivas, desde um ‘não lugar’ ao de um lugar no mundo, como, por exemplo, uma fotografia de uma casa de barro situada em um meio árido em chão pedregoso, onde tem um sujeito com marcas do sol em sua pele, pode ser interpretada como reveladora de uma situação triste, onde a seca se destaca, mas, por outro lado, pode-se evidenciar a força de um ser que resiste em seu lugar de pertencimento, que cultiva naquele espaço a sua experiência no mundo, que preserva seus traços culturais característicos. Dessa maneira, essa fotografia se aproxima, para

alguns, como um outro ‘não lugar’, que igualmente distante do centro urbano, possui casas muito próximas, sem um planejamento arquitetônico definido, em que se pode vislumbrar um povo que também tem suas marcas, que ao romper os limites e projetar-se diante do silêncio incômodo, pode representar um povo que (re)existe e rompe as diversidades impostas para alcançar seus objetivos.

Nesse sentido, faz-se necessária uma ação mediadora consciente que favoreça o acesso aos diferentes dispositivos culturais que evoquem no sujeito a percepção de sua realidade e o ato transformador que pode ser exercido pelo acesso à informação e a realização da leitura crítica que desenvolvem a partir de diferentes dispositivos informacionais, pois como defende Petit (2009, p. 119)

[...] ler pode fazer com que a pessoa se torne um pouco mais rebelde e dar-lhe a idéia de que é possível sair do caminho que tinham traçado para ela, escolher sua própria estrada, sua própria maneira de dizer, ter direito a tomar decisões e participar de um futuro compartilhado, em vez de sempre se submeter aos outros. Quando nos familiarizamos com os jogos da linguagem ficamos menos desprotegidos diante do primeiro charlatão que passa e se propõe a curar nossas feridas com uma retórica simplista.

Com base nesse entendimento, reflete-se que o agente mediador, tanto da leitura quanto da cultura, deve favorecer uma ação de resistência e transformadora por parte dos sujeitos-leitores, por meio de ações que possibilitem a interpretação dos jogos simbólicos que interferem direta ou indiretamente no seu cotidiano e bem estar social. Mais do que agir para favorecer o acesso aos dispositivos informacionais e culturais, é preciso que os sujeitos compreendam a mediação, o ambiente e os dispositivos mediadores, além da importância da sua relação com os demais sujeitos (mediadores e leitores), de modo a se apropriar dessas instâncias mediadoras e compartilhar, de maneira consciente, as informações que podem apoiar o outro em uma leitura crítica e reveladora sobre os espaços e dinâmicas socioculturais. Agindo dessa maneira, os sujeitos estarão favorecendo a ampliação de lugares



problematizadores, em que os discursos possam ser construídos, compartilhados e refletivos coletivamente, então, mais que a possibilidade de se expressar, o mediador da leitura e o mediador cultural precisam potencializar um lugar de problematização que permita a conscientização e o domínio sobre o que se ‘fala’.

A partir dessa reflexão, é necessária uma postura por parte dos agentes de mediação da leitura que evoque representatividade entre o sujeito-leitor e o que se lê; onde se realiza a leitura e sua mediação; e com quem e por quem foi desenvolvido o dispositivo que embasa a ação mediadora. De outra forma, pode-se dizer sobre a necessidade de ampliação de dispositivos e modos de mediar que provoquem um despertar de um sentimento de pertencimento e a partir desse possa-se desenvolver uma ação convidativa para outros sujeitos que integram determinado grupo da sociedade. Sousa, Santos e Jesus (2020, p. 3) defendem que “[...] a mediação da leitura passa a ser mais significativa quando reflete os aspectos socioculturais que envolvem o ambiente e a própria construção identitária dos sujeitos”. Pensar sobre representatividade na mediação da leitura se faz mais que necessário, é uma ação urgente, visto que os sujeitos leitores precisam desenvolver uma relação de reconhecimento e identificação de traços identitários que lhe conferem um sentido de pertencimento.

Sousa, Santos e Oliveira (2022) ao tratarem sobre o valor simbólico que pode ser identificado por meio de traços registrados na fotografia, afirmam que os textos verbais e não verbais podem transparecer aspectos de memória e identidade, por exemplo de grupos subalternizados, evidenciando sua tradição, seus costumes e suas crenças, em um processo de produção de sentido e significado dos que conhecem, ou desconhecem, as práticas socioculturais do contexto geográfico e temporal desses produtores. Com base na reflexão apresentada pelas autoras, pode-se perceber que a fotografia favorece a transformação de postura frente ao (re)conhecimento dos

traços identitários e memorialísticos presentes em determinada prática e contexto socioculturais.

Para Candau (2013, p. 142), a constituição identitária é uma condição necessária para indivíduos e grupos sociais, pois é ela que “[...] define o nosso ser, modela a forma de nos comportarmos [...]”, é por meio dessa constituição identitária que se definem os traços representativos dos sujeitos, tais como, as crenças, os costumes, as tradições que representam as percepções dos sujeitos sobre o mundo. Dessa maneira, as práticas socioculturais e os dispositivos provenientes dela interferem na maneira que os sujeitos se compreendem no mundo e se relacionam com o outro, mas também recebem interferências desses sujeitos que se articulam em um processo transformador para o alcance do protagonismo cultural em que atuam na ressignificação das instâncias socioculturais.

Dessa maneira, o protagonismo cultural é refletido por Perrotti (2017, p. 15), como “[...] uma dimensão existencial inextricável. Significa resistência, combate, enfrentamento de antagonismos produzidos pelo mundo físico e/ou social e que afetam a todos”. O mediador da leitura e o mediador cultural devem desenvolver uma postura protagonista, como defendida por Perrotti (2017), de resistência e de combate a segregação, silenciamento e qualquer outra conduta que viole algum ser social, que minimize ou imponha barreiras sobre a sua possibilidade de ser ou se expressar no mundo, ou seja, o mediador deve (re)agir e atuar na perspectiva de busca pela garantia de direitos para e com a coletividade.

Na perspectiva de ampliar e favorecer que mais sujeitos possam ser multiplicadores de uma leitura crítica e uma postura protagonista, as mídias e demais recursos digitais apresentam-se como dispositivos que favorecem a mediação da cultura e a mediação da leitura.

Com todos os limites, o espaço virtual tem sido um espaço de disputas de narrativas, pessoas de grupos historicamente discriminados encontraram aí um lugar de existir. Seja na criação de páginas, sites, canais de vídeos, *blogs*. Existe nesse espaço uma disputa de narrativa, mas ainda alguém do ideal por conta das barreiras institucionais que impedem o acesso de vozes dissonantes. Como expressar-se não é um direito garantido a todos e todas, ainda **há a necessidade de democratização das mídias e rompimento de um monopólio**, a discussão sobre liberdade de expressão também não pode ser pautada unicamente no direito – não absoluto – de expressar opiniões (Ribeiro, 2017, p. 49, grifo nosso).

A adoção do espaço virtual pode propiciar a ampliação da ambiência das atividades mediadoras para além do espaço físico e do tempo histórico em que o sujeito mediador e leitor atuam. Ampliar o acesso aos diversos dispositivos que representam os diferentes grupos sociais e favorecer um espaço de expressão, em que leituras diversas possam ser compartilhadas, em que os algoritmos não limitem ou determinem as interações com e pelo social, é fortalecer um movimento que pode tornar esses dispositivos virtuais mais democráticos.

Nesse sentido, a divulgação de registros fotográficos, em que seus produtores podem disseminá-las; leitores e leitoras possam refletir e compartilhar suas percepções sobre os dispositivos e, com isso, alcançar um sentimento de pertencimento, pode favorecer um descortinar de multipotencialidades de agentes, ações e dispositivos sociais. Ou seja, a ação mediadora pode desenvolver e evidenciar as mais diversas atribuições de sentidos, que refletem e são resultantes das múltiplas dinâmicas em que um mesmo, ou diferentes, sujeitos estão envolvidos.

### 3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Esta pesquisa se caracteriza como descritiva, que para Gil (2010, p. 27), “[...] tem o objetivo de descrever as características de determinada população ou fenômeno ou, então, estabelecer relações entre variáveis”. Dessa maneira, o objetivo deste estudo foi o de evidenciar na fotografia e na narrativa de Ivo Tavares vestígios

da representatividade e da ressignificação da constituição identitária da periferia de Salvador que transparece práticas da mediação da leitura e mediação cultural realizadas por esse fotógrafo.

O referido fotógrafo tem utilizado as mídias sociais digitais para disseminar suas produções, por exemplo, com o uso do Instagram, desde 2014, que segundo dados coletados no primeiro semestre de 2023, tem alcançado 4.892 seguidores, com 562 publicações. Justifica-se a escolha pelo trabalho fotográfico de Ivo Tavares por ele apresentar uma postura protagonista e de representatividade ao evidenciar o cotidiano da periferia de Salvador e os aspectos socioculturais do povo soteropolitano que reside nesse território.

O referido fotógrafo é soteropolitano e reside na periferia de Salvador, Bahia. A partir do seu trabalho, Ivo Tavares tem revelado aspectos dos bairros periféricos da cidade e do povo que vive nesse território, que por muito tempo foram silenciados.

Para atingir o objetivo traçado neste estudo, foi aplicado um questionário com Ivo Tavares, em fevereiro de 2021, cujo instrumento de coleta de dados foi composto de nove questões, distribuídas em três categorias: motivação para a fotografia; repercussão/contribuição sociocultural; e percepção/atuação como mediador. Também foi realizada a análise de algumas fotografias disponibilizadas em seu perfil no Instagram, até abril de 2022, ação que teve o consentimento do fotógrafo. A seleção dessas fotografias teve como base o método indiciário que, para Ginzburg (1986, p. 177), “[...] se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”. Ou seja, a fotografia pode apresentar sinais significativos capazes de transparecer o que se busca evidenciar nesta pesquisa, quanto aos traços de representatividade e de ressignificação da periferia. Após essas duas etapas, os dados foram analisados, com base na abordagem qualitativa, à luz da

literatura científica que versa sobre mediação cultural, mediação da leitura, representatividade e identidade.

#### **4 LEITURA DE MUNDO E AÇÕES MEDIADORAS DA CULTURA REALIZADAS POR IVO TAVARES: ANÁLISE DAS NARRATIVAS SOBRE A PERIFERIA DE SALVADOR**

Para alcançar o objetivo proposto neste estudo, foram selecionadas questões direcionadas ao fotógrafo Ivo Tavares, como também, algumas de suas fotografias, em que são aqui analisadas com base nas concepções da mediação da leitura e da mediação cultural para o alcance do protagonismo. O trabalho fotográfico pode cristalizar traços de representatividade e de ressignificação identitária dos diversos grupos que integram a sociedade, favorecendo uma (re)leitura por parte dos sujeitos. Ao investigar sobre o surgimento do seu talento em fotografar, Ivo Tavares afirmou que “Conheci e reconheci a fotografia como uma profissão e desejo na minha primeira experiência de trabalho, em que eu era estagiário na Redação do Diário Oficial da Bahia - 2012.” O agir reflexivo de Ivo Tavares pode revelar sobre o desejo e as possibilidades que o interliga à dinâmica das práticas sociais que também revelam sobre ele. Assim, com base na ação e na narrativa apresentada pelo sujeito pesquisado, compreende-se a necessidade e a relevância de um agir reflexivo sobre a conduta e a postura dos agentes mediadores que podem revelar possibilidades e ressignificar aspectos invisibilizados sobre si e o *outro*, em determinado contexto sociocultural, aspectos observados na Figura 1 e na descrição da fotografia escrita por Ivo Tavares.

**Figura 1: Imagem da Capelinha, bairro periférico de Salvador**



**Fonte:** Tavares (2020d).

*A vista daqui é pra nunca esquecermos onde estamos. Da favela o que vemos é favela. Não nos cobrem delicadeza quando não temos nem reboco, não nos cobrem compreensão quando vocês só aparecem apenas para fazer safari. Julgam nossas gostos e prazeres, mas no fundo nos vêem como fantasia. Se tocar um Harmonia se remexem da cabeça aos pés. Pisam no meu chão com medo, nem sabem ao certo do quê. As vielas lhes parecem labirinto, mais uma vez medo. Querem saber como é, mas não fazem o mínimo de esforço para entender. Ficam intrigados com nossa arquitetura e nunca vão compreender nosso urbanismo. Somos pauta de artigos, mas não de ações. Saibam que machuca ouvir "mas vindo de um lugar daquele..." como justificativa para nossas mazelas. Como justificativa para seus preconceitos.*

*Também merecemos e queremos o melhor da terra, assim como é dito na bíblia. Mas entendam, a luta de meu povo é bem maior.*

A partir da análise da fotografia e do texto de Ivo Tavares, associados a reflexão apresenta por ele sobre o (re)conhecimento enquanto fotógrafo, possibilita uma leitura quanto ao convite sobre as relações dos sujeitos que vivem na periferia, suas leituras de mundo, de si, do outro e do lugar de pertença, e a leitura que o diferente, o que está fora desse lugar, desenvolve sobre o mesmo. A leitura que os sujeitos que vivem fora do lugar atribuem ao ambiente periférico, a partir de um olhar distante dessa realidade, que muitas vezes é pautada em uma interpretação equivocada sobre a dinâmica sociocultural dos sujeitos que vivem e constroem suas memórias nesse território, pode resultar no sentimento de medo e negação que se distancia de uma postura pautada na alteridade.

Quando questionado sobre o surgimento da inquietação em realizar trabalhos fotográficos do cotidiano da periferia de Salvador, Ivo Tavares respondeu da seguinte maneira:

Comecei a fotografar de celular dentro dos ônibus que pegava para trabalhar e estudar. Minhas referências fotográficas iniciais são do Fotojornalismo, daí o desejo de fotografar e registrar o cotidiano. A periferia se torna prioridade quando, eu, jovem de periferia senti a necessidade de explorar meu local como cenário para meus discursos através de imagens. A rua, o povo e o barulho daqui soavam como um convite. Sinto essa necessidade de mostrar meu lugar, ter orgulho do meu caminho, reclamar das nossas dores e cobrar melhorias.

A partir da reflexão apresentada por Ivo Tavares, pode-se evidenciar uma postura mediadora quando esse sujeito, com os recursos que possui, realiza uma leitura sobre seu lugar de pertencimento e compartilha informações, a partir do dispositivo fotográfico, sobre esse território, seus agentes e os aspectos socioculturais representativos. Ao realizar uma associação entre a atuação de Ivo Tavares e uma postura mediadora e protagonista, conforme defende Perrotti (2017), percebe-se que esse fotógrafo age a favor do coletivo, quando no embate e na luta, ele denuncia suas dores e reage a favor do seu povo para que possam alcançar melhorias, conforme pode ser observado na Figura 2 e na descrição da fotografia produzida por Ivo Tavares.



**Figura 2: Dia de chuva e condições de mobilidade na periferia de Salvador**



**Fonte:** Tavares (2020c).

*Parem de achar, olhem pro lado, olhem pra baixo.*

*Semana passada uma seguidora compartilhou uma postagem minha do dia dessa enchente, e fiquei por algum tempo pensando...*

*Tenho olhando muito para lua, mas ainda sinto o chão que apoia meus pés. Olhar pra cima não apaga o que tem embaixo. Embaixo tem muito mais pra ver, muito mais pra entender.*

*Aqui embaixo parece que não temos medo de nada, pois sabemos que somos o medo de muitos. Mas acontece também, que aqui embaixo, tem nossos corpos e almas escancarados, frágeis e largados. E mesmo dilacerados, ainda somos o medo de muitos. Estamos sendo sufocados por achismos.*

*Amanhã irei falar sobre o que mais amo, a fotografia, no contexto de algo que me compõe, a periferia. E para abrir os trabalhos, eu só poderia abrir a lembrança de um dia tão emblemático, dramático e problemático.*

Em processo de sensibilização e de convite a ler e refletir sobre aspectos que poderiam passar despercebidos - intencionalmente ou não - por determinados grupos da sociedade, em uma ação leitora a partir da fotografia, pode-se afirmar que Ivo Tavares é um mediador da leitura e mediador cultural. Ao evidenciar em suas fotografias e descrições aspectos que são representativos do povo e da periferia, o fotógrafo age a favor de que outros sujeitos possam ler criticamente sobre aspectos que permeiam a periferia de Salvador, como também da dinâmica desenvolvida pelo povo desse lugar, quando produz seus registros como dispositivos de protestos e denúncia. Os mediadores devem atuar - mesmo em processo de rompimento dos limites socioculturais impostos - de modo a favorecer e incentivar uma postura consciente dos sujeitos-leitores sobre o compartilhamento de suas dinâmicas e

dispositivos representativos, visando o alcance de uma postura protagonista, de ressignificação de artefatos, acontecimentos e fenômenos a favor do coletivo.

Ivo Tavares, como agente mediador de uma realidade invisibilizada age como um sujeito que reclama seu lugar de fala historicamente cerceado, conforme defende Ribeiro (2017) abrindo fissuras ao adotar um contradiscurso em uma sociedade que ainda elege uma postura de acordo com a prática determinada por sujeitos pertencentes a ideologia hegemônica. Para tanto, como mediador, Ivo Tavares adota dispositivos que ampliam e disseminam suas práticas, como narrativas textuais e imagéticas. Sobre tais produções verbais associadas aos textos imagéticos, Ivo Tavares afirma que

Minhas fotos sempre foram construídas a partir de poemas nunca escritos, apenas descobertos no momento do clique. Não há texto que eu faça sem pensar numa foto, não há foto que eu faça sem automaticamente iniciar um novo texto. Um complementa o outro, mesmo que seja apenas uma frase ou um 'textão'.

Ivo Tavares revela uma ação associativa entre o texto verbal e não verbal, a imagem como uma expressão crítica, mas também poética da realidade, visto que pela fotografia torna compartilhado pensamentos registrados por ele que antes não puderam, ou não desejou, que fossem expostos. Dessa maneira, torna-se latente que um mediador da leitura e um mediador cultural possam realizar suas ações, a partir da adoção de diferentes dispositivos informacionais, descortinando, com os sujeitos-leitores, traços memorialísticos e identitários dos produtores de dado dispositivo informacional e cultural, em que seja possível também favorecer que as diversas expressões, por parte dos leitores, sejam compartilhadas, alcançando o nível simbólico a partir do ato de ler que defende Martins (1988).

Também foi questionado a respeito da percepção quanto ao fortalecimento cultural por meio do seu trabalho, tanto para ele próprio quanto para os leitores da sua obra. O fotógrafo respondeu que:

Com certeza, o que me fortalece vem do retorno emitido por esses espectadores. Recebo mensagens sobre minhas fotos, meus textos, do casamento entre eles, e isso é o maior combustível que tenho. Já o que eu deixo para o próximo é uma energia que ganha vida própria, a partir do momento que compartilho, aquela arte deixa de ser só minha. As interpretações e formas de absorção são diversas, a discussão sempre acontece, e é desta energia que percebo a propagação de um movimento de consumo e interpretação do meu trabalho. Seja gerando lembranças, rejeição e principalmente inquietude.

Vale destacar alguns aspectos indicados na fala de Ivo Tavares que podem ser associados a prática mediadora, como: a importância de criar um espaço de ‘expressão’ do leitor; da ação mediadora ser ressignificada e alcançar valor simbólico, por fim, uma postura de representatividade que evoca as mais variadas percepções e ações pelos sujeitos-leitores. A ação de problematização que se faz no exercício e no convite de refletir sobre a ação mediadora, é indicada por Perrotti (2016) quando afirma sobre a necessidade do mediador estabelecer elos que viabilizem diálogos para a geração de ordens culturais mais democráticas e plurais. Assim, as diversas percepções e expressões passam a ser consideradas, o que favorece uma ressignificação das ações e dos dispositivos mediadores que poderão alcançar representatividade.

Quando Ivo Tavares reconhece que “aquela arte deixa de ser só minha”, pode-se dizer que esse agente mediador alcança uma postura protagonista e de representatividade, reconhecendo a diversidade de percepções existentes que podem alcançar visibilidade e expressão, como vozes dissonantes e que produzem rachaduras na narrativa hegemônica, conforme defende Ribeiro (2017) e se ratifica na observação a partir da Figura 3 e na leitura do texto descritivo dessa imagem produzido pelo Fotógrafo.

**Figura 3: Imagem celebrativa e reflexiva  
sobre o 12 de outubro**



*É aí que estou. É aí que me vejo. Sou cada um deles, soltos e largados. Mais largado que solto. Livre [...] sou criança, prefiro liberdade ao esquecimento. Se sou o esquecimento, não sou eu. Minhas lamúrias são como de uma criança, parecem não serem ouvidas, entendidas e quando insistentes não são interpretadas, só repreendidas.*

**Fonte:** Tavares (2020a).

Nas narrativas produzidas por Ivo Tavares é possível identificar traços representativos da periferia de Salvador, de maneira que contribuem na constituição e/ou fortalecimento da identidade dos sujeitos que residem nesse lugar, uma vez que Candau (2013), afirma que a constituição identitária é uma condição necessária que define o ser e modela o comportamento. Ou seja, o registro fotográfico de Ivo Tavares ao cristalizar aspectos do cotidiano do povo soteropolitano, residentes da periferia de Salvador, favorece que esses sujeitos-leitores evoquem lembranças, como também reajam com postura de rejeição e inquietude, conforme indicado por Ivo Tavares, evidenciando um processo de representatividade e resistência por meio do dispositivo fotográfico. Atribuição de sentido que pode ser alcançada na leitura da Figura 4 que evidencia as condições de um trabalho essencial na periferia de Salvador em um dia de chuva.

**Figura 4: Dia de chuva e condições de trabalho na periferia de Salvador**



**Fonte:** Tavares (2020b).

*Fazer diferente nos bota numa crescente?  
Tenho dúvidas disso. Desconfio dos  
significados, e de cada dobra que dou em mim  
pra refletir tudo que sinto.  
Quero falar do mar, da alma e dos sonhos.  
Meu eu dramático grita no sentido contrário,  
mas também sussurra toda a verdade que não  
quero acreditar. Ouço calado.  
O diálogo ficou para ilustrar o passado. Não  
adianta, o agora é feito no braço. As palavras  
ficaram para quem tem voz, vez e espaço.  
Meu grito quando chega, apenas incomoda,  
pouco muda.*

Quando se realiza a leitura da fotografia acima, pode-se perceber as dificuldades de adentrar aos espaços que foram constituídos historicamente como um lugar de sobrevivência, de luta pela vida e que não foi planejado, mas, (re)existe. A fotografia permite ler as fragilidades existentes, mas também descortinar traços de luta de homens e mulheres que buscam em sua postura protagonista, em seu cotidiano, desenvolver condições dignas para os sujeitos que estão nesses territórios. Dessa maneira, essas e outras leituras são fortalecedoras de um descortinar para a necessidade de luta, de enfrentamento e resistência contra o sistema hegemônico que tenta tornar inaudíveis expressões como essas reveladas na Figura 4, que se move mesmo nas mais tempestuosas condições que tentam dificultar o alcance de seu objetivo.

Nesse contexto, vale ratificar a relevância do mediador da leitura e do mediador cultural adotarem dispositivos de comunicação em que os leitores possam

compartilhar informações, percepções e ideias, como também críticas e sugestões que ressignifiquem a ação e os dispositivos mediadores, pois, só com essa postura, de escuta sensível, de fato o leitor poderá interferir e alcançar a percepção de contribuição ativa sobre o processo mediador, além de atribuir um valor simbólico à ação e ao dispositivo de mediação.

Sobre o processo de leitura atribuído às fotografias, foi questionado à Ivo Tavares se ele considera que é possível alcançar diferentes perspectivas pelos sujeitos, ele afirmou que

Acredito. Acho que as possibilidades e variações de leituras variam de acordo com a bagagem, repertório e desejos de cada um. A leitura pode ser silenciosa e reflexiva, crítica, literal, poética, identitária... Acredito que toda imagem tem o poder de ativar pontos de atenção específicos. Seu olhar vai buscar uma interpretação que melhor lhe agrade.

Percebe-se que a fotografia se amplia em contato com os diferentes sujeitos-leitores, favorecendo um encontro das perspectivas e dos repertórios informacionais e culturais dos leitores e do produtor do dispositivo. Entretanto, vale destacar que para além de ‘pontos de atenção específico’, também pode-se considerar os aspectos desconhecidos, silenciados e inconscientes que a leitura, com base na ação mediadora, pode descortinar, visto que pode evocar lembranças que poderão ser desconfortáveis, como dito pelo fotógrafo anteriormente. Assim, os agentes mediadores devem considerar as multipontecialidades dos sujeitos-leitores, para além de papéis específicos que esses apresentam ou exercem na sociedade, evidenciando aspectos que sejam representativos do contexto sociocultural que esses integram, conforme defendem Sousa, Santos e Jesus (2020).

Buscou-se ainda identificar possíveis contribuições de Ivo Tavares, pautadas em sentidos, sentimentos e criticidade a partir da leitura de suas fotografias. Sobre essa



ação fundamentada em tais princípios, o fotógrafo respondeu positivamente, ao afirmar que:

Sim. Quando comecei a encontrar meu estilo na fotografia, comecei a ser reconhecido e recompensado através de palavras, e essas palavras além de transmitir apoio, também depuseram sobre formas singulares de conexão com minhas fotografias, com minha arte. Gerando sensações, lembranças, incômodo e energia de mudança.

A prática mediadora de Ivo Tavares alcança sentido a partir da ação do outro. Pode-se dizer que só com o outro as ações mediadoras podem alcançar o potencial simbólico que se propõem e assumem. Como afirma o fotógrafo os sujeitos podem apresentar ‘formas singulares de conexão’, o que se pode inferir que as práticas mediadoras, como as desenvolvidas por Ivo Tavares, ao apresentarem aspectos representativos da constituição identitária dos sujeitos-leitores, favorecem à atribuição de sentido e reconhecimento de pertencimento ao evidenciar em seus registros fotográficos traços constituintes da identidade e memória desses sujeitos e, por meio desse movimento de (re)conhecimento, contribuem para que eles possam agir e expressar sentidos e sentimentos que podem ter ficado inconscientes, guardados ou silenciados. Pois como afirma Kossoy (2007) a fotografia é um dispositivo de memória, que registra determinado tema, em um dado tempo histórico, capaz de materializar sua existência/ocorrência.

Percebe-se pelas narrativas de Ivo Tavares uma consciência de seu papel como agente mediador que, por meio da fotografia, age a favor da representatividade dos sujeitos que têm a possibilidade de expressar sua ‘voz’ sobre seu território, os elementos e as práticas que constituem sua identidade, em um processo de reconhecimento que favorece a ressignificação do contexto sociocultural e de pertencimento, o que pode potencializar o desenvolvimento de posturas



protagonistas, fundamentadas nas diversas leituras que incentivam a problematização e a ação necessária a favor do coletivo, na busca por melhorias.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dispositivos informacionais, como, por exemplo, a fotografia, registram vestígios de memória, essenciais para possibilitar o acesso aos elementos constituintes de acontecimentos e de fenômenos relevantes para determinado grupo social. Entretanto, parte significativa desses dispositivos que possuem visibilidade são aqueles reconhecidos pelos grupos hegemônicos, por outro lado, romper com essa dinâmica e dar visibilidade aos documentos de um grupo subalternizado requer resistência, enfrentamento e representatividade do coletivo.

Apesar de determinado documento ser sacralizado pelo grupo social, é necessário que ele seja (re)conhecido por outros grupos, de modo que o diferente possa perceber e indicar a diversidade existente, pois é pelo 'olhar' do outro que se percebe os traços característicos daquele lugar, em um processo de adentramento consciente nesse território, em que se poderá perceber e atribuir valor aos diferentes dispositivos e práticas culturais, visto que constituem os aspectos identitários dos sujeitos de determinado contexto social. Dessa maneira, é necessário que os ambientes socioculturais e de informação sejam cada vez mais diversos e plurais, contemplando e representando as multipotencialidades dos sujeitos sociais, favorecendo que esses possam expressar suas leituras de mundo e alcançar uma resignificação em suas ações de interferência em seu lugar de pertencimento e em outros territórios.

Diante disso, o sujeito tem sua identidade pautada em representação de sua imagem e de seu lugar de pertencimento, que ao ser reveladora de um sujeito produtor, que integra aquele território e amplia 'essas vozes', alcança com elas a

representatividade, de uma identidade que é coletiva. Uma fotografia, por exemplo, como as produzidas por Ivo Tavares, pode ser reveladora de cenários que foram por muito tempo não prestigiados, ao serem ‘camufladas’ por discursos intencionais de criação de barreiras sociais que impõem limites para que o compartilhamento de saberes e práticas socioculturais ocorram. A mediação da leitura e a mediação da cultura podem propor-se a desvendar lugares, revelar saberes e proporcionar encontros de vozes que precisam ter lugares, mais do que de fala, de escuta.

O processo de representatividade nas atividades de mediação da leitura e mediação cultural, vai além da interação do agente mediador com os leitores, uma vez que perpassa a seleção de conteúdos e termos a serem utilizados, do planejamento de exposição de dispositivos e da disseminação desses, ampliando-se para as atividades em que os leitores participam diretamente da ação. Assim, a ação mediadora deve considerar, mais que tornar evidente determinado traço identitário de um grupo da sociedade, favorecer a dinâmica de transformação de uma instância social para que nessa ação possam ser considerados sujeitos e dispositivos que (re)existem e lutam, fundamentados pelo viés da alteridade, e pela busca do alcance do protagonismo social.

## REFERÊNCIAS

CANDAU, Joel. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. **O sentido e o significado de documento para Memória Social**. 1997. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2010.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. São Paulo: Atelier, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2013.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. *In*: GOMES, Henrriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 11-26.

PERROTTI, Edmir. Mediação cultural: alguns procedimentos. *In*: SALCEDO, Diego Andres. **Mediação cultural**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 6-14.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2009. Disponível em: <http://lelivros.love/book/download-a-arte-de-ler-ou-como-resistir-a-adversidade-michele-petit-em-epub-mobi-e-pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **O que é**: lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Raquel do Rosário; SOUSA, Ana Claudia Medeiros de. Aspectos memorialísticos e identitários presentes nos enunciados das Ganhadeiras de Itapuã: ressignificação da mediação cultural no dispositivo de comunicação da web. **Informação & Informação**, Londrina, v. 25, n. 4, p. 306-326, out./dez. 2020.

Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/39719/pdf>.

Acesso em: 9 mar. 2022.

SILVA, Bárbara Damiane da; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Práticas de mediação cultural nas bibliotecas públicas municipais de Londrina/PR. **Biblionline**, João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 30-43, 2017. Disponível em:

<http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/16140>. Acesso em: 8 mar. 2022.

SOUSA, Ana Claudia Medeiros de; SANTOS, Raquel do Rosário; JESUS, Ingrid Paixão de. Mediação da cultura, da informação e da leitura para o protagonismo social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-20,

2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1333/1226>.  
Acesso em: 9 mar. 2022.

SOUSA, Ana Claudia Medeiros de; SANTOS, Raquel do Rosário; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Traços identitários e memorialísticos materializados na fotografia de Ivo Tavares da periferia de Salvador, Bahia. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 353- 379, jan./mar. 2022. Disponível em:  
<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/114215/64613>. Acesso em: 8 abr. 2022.

TAVARES, Ivo. **É aí que estou**. [...]. Boa Vista De São Caetano, Salvador, 12 out. 2020a. Instagram: ivotavaress. Disponível em:  
<https://www.instagram.com/p/CGQYw1Hll-8/>. Acesso em: 8 abr. 2022.

TAVARES, Ivo. **Fazer diferente nos bota numa crescente?** [...]. Capelinha, Salvador, 21 ago. 2020b. Instagram: ivotavaress. Disponível em:  
<https://www.instagram.com/p/CEIUEvdFjJJ/>. Acesso em: 8 abr. 2022.

TAVARES, Ivo. **Parem de achar, olhem pro lado, olhem pra baixo**. [...]. Capelinha, Salvador, 12 ago. 2020c. Instagram: ivotavaress. Disponível em:  
<https://www.instagram.com/p/B5gsbEwF21G/>. Acesso em: 8 abr. 2022.

TAVARES, Ivo. **A vista daqui é pra nunca esquecermos onde estamos**. [...]. Capelinha, Salvador, 5 jan. 2020d. Instagram: ivotavaress. Disponível em:  
<https://www.instagram.com/p/B66y7ByFdib/>. Acesso em: 8 abr. 2022.

**Copyright:** Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 



✉ [tpbci@ancib.org](mailto:tpbci@ancib.org)

📷 [@anciboficial](https://www.instagram.com/anciboficial)

🐦 [@ancib\\_brasil](https://twitter.com/ancib_brasil)